

LEITURA DE IMAGENS COMO ESTRATÉGIA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS

IMAGE READING AS INITIAL READING INSTRUCTION AND LITERACY STRATEGY FOR YOUNG PEOPLE AND ADULTS

Claudine Pessoa de Souza¹

<https://orcid.org/0000-0002-3912-5703>

Resumo

Este artigo é resultado de uma intervenção nas dificuldades de leitura verbal e não verbal dos alunos do primeiro ano do primeiro segmento da Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), os quais se encontram em processo de alfabetização. Baseia-se na hipótese de que a leitura de imagens ancoradas ao texto contribui com o processo de alfabetização e letramento, uma vez que essas linguagens se ajustam na produção de uma mensagem. Conclui-se que as imagens são carregadas de sentidos e que podem ser exploradas por várias perspectivas, de modo a se configurar em poderoso recurso pedagógico na formação de um indivíduo competente para ler criticamente o mundo das letras e o mundo das imagens. Recomenda-se explorar a leitura de imagens na modalidade EJA, contextualizando-as a partir dos diferentes conhecimentos e experiências dos jovens e adultos a fim de assegurar que os processos de leitura e escrita sejam desenvolvidas de maneira significativa e adequada a realidade dos estudantes.

Palavras-chave: Leitura de Imagens, Alfabetização, Letramento, Educação de Jovens e Adultos.

Abstract

This article is the result of an intervention in the difficulties of verbal and non-verbal reading of students in the first year of the first segment of the Educação de Jovens e Adultos (EJA) [youth and adult education], who are in the process of literacy. It is based on the hypothesis that the reading of images anchored to the text contributes to the process of initial reading instruction and literacy since these languages are adjusted in the production of a message. It is concluded that the images are loaded with meanings and that they can be explored from different perspectives, to become a powerful pedagogical resource in the formation of a competent individual to critically read the world of letters and the world of images. It is

¹ Graduada em pedagogia (UFMT), especialista em gestão escolar (UFMT) e educação infantil (UNEMAT), professora da rede estadual de ensino, no Centro de Educação de Jovens e Adultos(CEJA) Cleonice Miranda da Silva, localizado no município de Colíder/MT, Brasil. E-mail: claudilenesouza1@gmail.com.

recommended to explore the reading of images in the EJA modality, contextualizing them from the different knowledge and experiences of young people and adults to ensure that the reading and writing processes are developed in a meaningful and appropriate way to the students' reality.

Keywords: Image Reading, Literacy, Initial Reading Instruction, Youth and Adult Education.

Introdução

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9394/96), apresenta a Educação de Jovens e adultos (EJA), como uma modalidade de ensino, voltada a atender pessoas jovens e adultas que por algum motivo não completaram ou que nunca iniciaram seus estudos na educação básica. Sendo assim, a modalidade assume o compromisso em cumprir com as funções: “reparadora, equalizadora e qualificadora”, para minimizar os prejuízos causados a aqueles que, na maioria das vezes, tiveram o direito de estudar negado em outros momentos da vida.

Leite (2016) coloca que o abandono escolar, quase sempre, está ligado a condição econômica da família, as quais direcionam a criança precocemente para o mercado de trabalho como forma de contribuir para com o orçamento familiar.

Com as exigências do mercado de trabalho, em algum momento da vida esses jovens acabam retornando à sala de aula, em busca de qualificação profissional e melhorias nas condições de trabalho. Leite (2016) enfatiza que esses jovens e adultos, precisam enfrentar diariamente muitas barreiras para retornar à escola, desde o acesso e à conciliação do horário das aulas com os horários de trabalho, até a rotina familiar, entre outros fatores.

Sobre esse aspecto, Santos ainda acrescenta que o retorno à escola para os jovens e adultos, muitas vezes representa um projeto de vida.

Trata-se de uma decisão que envolve as famílias, os pais, as condições de acesso e as distâncias entre a casa e a escola, as possibilidades de custear os estudos e, muitas vezes, trata-se de um processo contínuo de idas e vindas, de ingressos e desistências. (SANTOS, 2015, p.6).

O professor da EJA precisa estar preparado para receber esse aluno que agora já não tem a escola como primeira obrigação em sua vida, mas sim o trabalho. Um

aluno que traz consigo uma bagagem de conhecimento fenomenal, com marcas de uma vida sofrida, que tem dúvidas se ainda consegue aprender, que se sente inferiorizado por não ser alfabetizado, mas sabe o valor da escola, da educação e a falta que ela faz em sua vida.

Esse aluno precisa de uma educação que atenda suas especificidades de adulto, de trabalhador, de pai de família e de quem tem pressa em compreender o mundo das letras. A atenção a essas especificidades exige do professor um olhar sensível, que leve em conta sua condição de vida, suas expectativas e necessidades. Nesse sentido, Pinto (1986) coloca que para compreender esse aluno, faz-se necessário conhecer suas histórias, culturas, costumes, percebendo que são sujeitos excluídos do processo educativo por “fatores, sociais, econômicos, políticos e culturais.” (PINTO, 1986, p. 71).

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade que necessita de uma escola que ofereça horários diferenciados, espaços físicos, organização pedagógica e currículo adequados para atender as especificidades da modalidade. Necessita também de profissionais qualificados que acreditam no potencial dos estudantes e proporcionem metodologias diversificadas que despertem o interesse desses educandos, pois segundo Gadotti (1996, p. 83), “esses jovens e adultos são tão capazes como uma criança, exigindo somente mais técnica e metodologias eficientes para esse tipo de modalidade.”

Gadotti ainda acrescenta que se o professor da EJA pensar em metodologias distintas das utilizadas nas séries iniciais do ensino fundamental, e partir da “[...]realidade dos educandos, o educador conseguirá promover a motivação necessária à aprendizagem, despertando neles interesses e entusiasmos[...].” (GADOTTI, 1996, p.83).

Diante dessas reflexões a respeito da peculiaridade do aluno de EJA, suscita-se algumas indagações: como encontrar metodologias de intervenção pedagógica bem sucedidas para esse público? A leitura de imagens contribui para a formação de um indivíduo crítico e reflexivo? Como o professor pode explorar as imagens no processo de alfabetização da EJA? Nesse sentido, Silva; Araújo (2016, p.2) aponta que, “o

profissional da EJA precisa ampliar suas habilidades e competências nos procedimentos, e estratégias para construção dos conhecimentos.”

Em busca por uma metodologia de alfabetização que desperte no aluno a habilidade de pensar criticamente, é que as atividades de leitura e interpretação a partir de imagens presentes no cotidiano do educando, se traduz em uma proposta de alfabetização na EJA. Esse texto, visa expor o resultado de uma pesquisa qualitativa, partindo das questões levantadas acima acerca desse tema.

Um lugar para a EJA no Brasil

As primeiras iniciativas de combate ao analfabetismo no Brasil surgiram no início do século XX, quando o País passava por uma revolução industrial, necessitando de mão de obra barata e especializada. Nesse período poucos tinham acesso à educação e o índice de analfabetismo era altíssimo.

Outro fator que também impulsionou ações para alfabetização de adultos, foi o interesse político em aumentar a base eleitoral do País, uma vez que para votar precisava ser alfabetizado. A partir dessas necessidades “criou-se na década de 1940 uma campanha de educação que alfabetizasse jovens e adultos no período de três meses. Essa campanha não durou muito e foi alvo de grandes críticas.” (SILVA; ARAÚJO, 2016, p 9)

No entanto, o marco da democratização da educação brasileira se deu com a constituição de 1988, que atribuiu ao Estado e à família o dever de promover a educação a todos os cidadãos brasileiros, democratizando o ensino.

Trinta anos se passaram e a universalização da educação ainda não é realidade, conforme aponta os índices de analfabetismo no País. De acordo com o IBGE (2019), a taxa de analfabetismo no Brasil, ainda é alta, correspondente a 6,8 %, ou seja, 11,3 milhões de pessoas com 15 anos ou mais são analfabetas, não sabem ler ou escrever (GAZETA, 2019). Esses dados revelam que o País está longe de universalizar a educação.

Ao analisar a trajetória da EJA no Brasil, é possível constatar que são muitas as iniciativas nessa direção, entre elas está o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL, 1985) e o Brasil alfabetizado (2003), todas com o objetivo de resolver o

analfabetismo entre os adultos. No entanto, nenhum desses programas foram capazes de responder às necessidades desses educandos. Nessa direção, Couto (2019) enfatiza que o grande problema em relação à educação de jovens e adultos é que essas iniciativas sempre tiveram caráter de campanha, com o objetivo de resolver de imediato um problema que é permanente.

Ainda segundo esse autor, além de serem geridos com poucos recursos, que prioritariamente são destinados ao ensino fundamental, esses programas foram desenvolvidos em caráter temporário, como uma espécie de favor ou caridade, por parte dos governos e encarados como trabalho voluntário por parte de alguns professores.

O grande problema que atinge a EJA é que os programas federais não são pautados em uma política, e sim em caráter de campanha, de assistencialismo. Todos eles têm caráter de repasse de recursos, não existe uma definição, um alinhamento metodológico, não chegaram a ter o alcance que poderiam para fazer com que o país avance no processo de escolarização de jovens e adultos. (COUTO, 2019, p.5).

É possível perceber que a educação de jovens e adultos foi colocada de lado em função das demais modalidades de ensino, o que explica o fato de não ter sido contemplada com os recursos de Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização de Magistério (Fundef), criado pelo governo federal em 1998, com vigência até 2006, ficando a cargo dos Estados e Municípios atenderem essa grande demanda da educação.

Somente, com a implantação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) no ano de 2007, é que foi garantida à EJA, um repasse de verba permanente, ainda que de menor valor em relação as demais modalidades, o que faz com que as escolas prefiram ofertar outras modalidades, que receberão mais recursos. De acordo com Couto (2019, p.3), atualmente a EJA “tem o menor orçamento e pouco se investe na formação de educadores, metodologias e criação de escolas apropriadas para jovens e adultos”.

Diante de tal cenário, é perceptível o lugar de “patinho feio” que a EJA ocupa no País, sendo tratada como educação secundária, de menor importância, renegada a

segundo plano, com poucos incentivos do Governo Federal, para a construção de uma proposta de educação consistente que atenda o perfil desses educandos.

É necessário ressarcir essa dívida social que o país tem com esse público, fazendo os investimentos necessários, garantindo o que está na constituição federal, que reconhece a educação como um direito de todos em qualquer fase da vida. Couto (2019, p.7) reforça que “é imprescindível o reconhecimento de que essas pessoas têm direito de ler e escrever, de ter acesso à tecnologia, de ter conhecimentos matemáticos, de conhecer seu território, de saber as questões sociais que permeiam sua vida.”

Todo esse cenário de incertezas com os rumos da educação de jovens e adultos no Brasil, se agrava com o governo Bolsonaro. Segundo a Empresa Brasil de Comunicação (EBC, 2019), o governo atual não tem demonstrado nenhum interesse em investir na EJA, deixando isso claro já no segundo dia do seu governo que “ao nomear a equipe do Ministério da Educação, o presidente dissolveu a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), órgão responsável pela modalidade de EJA, educação do campo e profissional. (COUTO, 2019, p.9).

Couto (2019, p.10) ainda levanta que a extinção da SECADI representa uma perda de identidade para a EJA no País, “a EJA não tem lugar dentro do MEC atualmente. Se o cenário está complicado para as modalidades que sempre tiveram prestígio, imagina para a EJA, que não tinha prestígio social.”

Atualmente a EJA vive de indefinições, como expõe Catelli (2019), não se sabe como ficarão os Programas de Alfabetização, se teremos livros didáticos, não existem ações positivas por parte do Governo Federal há quatro anos.

Muitas vezes, a falta de investimentos nessa modalidade de ensino, pelo governo federal, é justificada pela falsa ausência de demanda na EJA, escamoteada pela própria escola, como diz Couto (2019): “Eu dei aula na rede pública por 31 anos. E vi como a escola acaba criando estratégias para não fazer essa oferta. Por exemplo, o aluno chegava perguntando se tinha vaga. Se falava que não. Mas para a Secretaria se falava que não havia demanda.” (COUTO, 2019, p.10).

É urgente a necessidade dos governantes desenvolverem políticas sérias para a EJA, o que só será possível através de mecanismos de escuta dos alunos, educadores

e gestores, pois concorda-se com Caetano (2019, p.4), quando afirma: “uma política pública específica para estes sujeitos não se constrói de forma solitária, mas com a participação da sociedade.”

Nesse sentido é imprescindível uma profunda reflexão por parte dos educadores, a respeito de: quem são os estudantes da EJA? Quais seus anseios e necessidades? Como aprendem? O que esperam da escola? Todas essas indagações são necessárias quando se deseja entender as especificidades dessa modalidade, as características dos estudantes, pois, além de dominar metodologias adequadas, que contribuam para com a formação de sujeitos capazes de atuarem na sociedade de forma reflexiva, para ser educador na EJA torna-se imprescindível também assumir um compromisso social e político. Nesse sentido, concorda-se com Borges (2003, p. 2), quando afirma que:

“Nenhuma política voltada para educação de jovens e adultos alcançará sucesso, mesmo que teórica ou metodologicamente, esteja orientada para uma educação conscientizadora, enquanto a mentalidade dos educadores que trabalham com esses educandos, jovens e adultos, trabalhadores não for alterada.” (BORGES, 2003, p.2).

Metodologia de ensino para alfabetização de Jovens e Adultos

Quando se pensa em metodologia para alfabetização de jovens e adultos, Paulo Freire é a primeira referência que vem em mente. Em seu livro pedagogia da autonomia, ele afirma que a educação se dá em um processo dialético em que educador e educando se formam juntos, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 1996, p.12).

Ao constatar um alto índice de analfabetos e analfabetos funcionais² no Brasil, esse autor desenvolveu seu próprio método de alfabetização de jovens e adultos, para tentar mudar essa realidade. O seu método de ensino parte da realidade dos educandos, evidenciando que uma educação de qualidade precisa ir para além do livro didático e do quadro negro, e propiciar uma constante troca de conhecimento.

² Analfabeto funcional é aquele indivíduo que não consegue compreender pequenas mensagens como cartas, anúncios, avisos presentes em seu dia a dia. (TOLEDO, 2009).

Silva e Araújo (2016, p. 15) reafirma que, “este educador idealizou e vivenciou uma pedagogia voltada para as demandas e necessidades das camadas populares, realizada com sua efetiva participação e a partir de sua história e de sua realidade.”

Já é consenso entre os educadores que uma boa prática pedagógica não depende apenas de o professor conhecer bem o conteúdo a ser ministrado, mas é necessário também direcionar um novo olhar para as metodologias de ensino que se aprimoram a partir da reflexão na ação. Conforme Freire (1996, p.22), é “pensando criticamente a prática de hoje e ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” Esse fragmento nos remete à percepção de que o professor se faz e refaz no percurso de sua profissão, a qual vai apontando caminhos no encontro de metodologias adequadas à realidade de seu aluno.

Nessa direção Paulo Freire, defende uma metodologia de ensino para jovens e adultos, embasada em princípios de educação popular, democrática e libertária, fundamentada na realidade dos educandos, capaz de levá-los a conhecer e interferir na realidade em que vivem, superando a separação entre a teoria e prática.

Lemos (1999) afirma que, quando se pensa em metodologias de ensino para EJA é importante entender que esse sujeito é, antes de tudo, um indivíduo com experiência social e cultural que busca a escola para se sentir mais inserido na sociedade. “Em síntese, pode-se inferir que o maior motivo da procura da escola é a necessidade de fixação de sua identidade como ser humano e ser social”. (LEMOS, 1999, p. 25).

Diante do exposto, comprehende-se que o fazer pedagógico não deve acontecer de qualquer jeito, e que ser educador na EJA exige preparação, como reforça Leite (2016, p.10), “não é qualquer pessoa que está apta a ser um educador da EJA, apesar de muitos professores terem o ensino superior muitos não têm uma especialização para trabalhar nesta área que exige tanta inovação e dedicação do professor.”

Essas considerações remetem à percepção da necessidade de incluir metodologias inovadoras na formação inicial e continuada do professor da EJA, capacitando-o para trabalhar com as especificidades desse público que chega à escola com uma bagagem de conhecimento construído socialmente. No que tange aos conhecimentos e experiências dos estudantes da EJA, estes devem ser valorizados pelo

professor, tendo em vista que o processo de ensino e aprendizagem será mais significativo “fazendo a relação entre os conhecimentos prévios, ou seja, os trazidos por esses sujeitos, e os novos conhecimentos, para que eles se reconstruam mais ampliados e consistentes.” (SILVA; ARAÚJO, 2016, p.11).

De forma semelhante se desenvolve a formação da identidade do educador da EJA, com base na relação dialógica e por meio da reflexão sobre as práticas pedagógicas desempenhadas no contexto da modalidade. Nessa direção Freire (1996, p.58) também coloca que, “tanto posso saber o que ainda não sei, como posso saber melhor o que já sei”, referindo-se à necessidade de uma postura de humildade pedagógica para o aperfeiçoamento da prática docente.

No entanto, na ausência dessa formação, o que acaba acontecendo no dia a dia das escolas de EJA é uma reprodução da prática pedagógica do ensino regular, que não atende às especificidades desse público, favorecendo uma situação de reincidência do processo de exclusão escolar.

Leitura e alfabetização no contexto das imagens

A leitura pressupõe um leitor que fará a decodificação e interpretação de um código cultural, atribuindo sentido, podendo ser uma imagem ou texto, em que “ambas linguagens precisam ser compreendidas para que o processo de leitura aconteça.” (TORRES, 2011, p. 17).

A esse respeito, Pillar (2006) comenta que o ato de leitura não acontece de forma neutra, mas é permeado pela experiência de vida de quem lê, o qual imprime nesse ato o seu conhecimento de mundo, a sua imaginação e as estruturas mentais que o ajudam a atribuir sentido ao observável, “assim, duas pessoas podem ler uma mesma realidade e chegar a conclusões bem diferentes.” (PILLAR, 2006, p.13).

Sendo assim, o ato de leitura é atribuir sentido, onde cada indivíduo o fará de acordo com a sua capacidade, como esclarece Pillar (2006, p. 12), “a leitura depende do que está em frente e atrás dos nossos olhos.”

Isso se aplica também a leitura de imagens, que nos tocam de maneira especial, por natureza somos seres visuais. Estamos rodeados de imagens nos outdoors, slogans, posts, propagandas e elas são carregadas de ideologias políticas, sociais e

econômicas e nos atingem de forma brutal, sem que nos preparemos para recebê-las. Conforme Correa (2017, p. 7), somos “nômades em nossas próprias casas, capturamos imagens, muitas vezes sem modelo, sem fundo, cópias de cópias, no cruzamento de inúmeras significações. Imagens para deleitar, entreter, vender, que nos dizem o que vestir, comer, aparentar, pensar”.

A verdade é que com a revolução tecnológica e democratização do smartphone, as imagens ganharam mais espaço na comunicação, como evidencia Barbosa (1998, p. 17), “vivemos em um mundo dominado por imagens, a todo o instante somos surpreendidos por elas, em casa, no trabalho, nas ruas, imagens sedutoras que tentam a todo custo influenciar nosso comportamento.” Deste modo, Torres (2001) coloca que é urgente pensar em uma alfabetização visual, aprender a gramática e a sintaxe das imagens.

Saber ler imagens é uma exigência para as sociedades modernas, as imagens já podem ser consideradas um novo código linguístico, a educação precisa lançar seu olhar para esse discurso visual, Barbosa (1998, p.17) acrescenta que “a leitura de imagens é uma necessidade para a compreensão e decodificação desses signos tão difundidos na nossa vida cotidiana.”

A escola precisa abrir espaço para essa educação do olhar, incluindo a imagem no processo de alfabetização, para que possamos desenvolver uma linguagem integrada, onde imagem e código se completam. Assim, concorda-se com Torres (2011, p. 15) quando afirma que: “a educação do olhar, em tempos de difusão e incorporação da imagem na vida cotidiana, torna-se indubitavelmente necessária para o ensino-aprendizagem de crianças e jovens em fase de desenvolvimento cognitivo”. Acrescenta-se ainda que essa compreensão deve ser estendida à formação de pessoas adultas.

Enfim, é fundamental que o professor se prepare para utilizar as imagens como recursos linguísticos em sala de aula e ensine os alunos a compreender o mundo utilizando-se também das imagens que estão a sua volta. Contudo, a leitura de imagem ainda precisa ser melhor e mais explorada pedagogicamente, pois muitos professores também “não foram preparados para decodificá-la e usá-la em prol da aprendizagem reflexiva de seus alunos”. (BARBOSA, 1988, p. 138).

Esse é um desafio colocado aos professores de hoje, entender como as imagens, tão usadas e aceitas pela massa, podem ser utilizadas como ferramentas pedagógicas em sala de aula, e incluí-las no início da alfabetização, para que os alunos desde cedo sejam capazes de utilizá-las criticamente como recurso linguístico.

Alfabetização e letramento com o uso de imagens

Esse trabalho foi realizado em um Centro de Educação de Jovens e Adultos no município de Colíder/MT, em uma turma de 13 alunos, matriculados no primeiro ano do primeiro segmento, com idade entre 24 a 70 anos. Nesse grupo tinha uma aluna com necessidade especial e todos se encontravam no início de aquisição da leitura e escrita, nos níveis silábico e silábico alfabético.

Esse estudo não se limita à análise das imagens enquanto artes plásticas em sala de aula, mas propõe que a escola utilize também as imagens presentes no dia a dia dos alunos como pano de fundo para despertar a capacidade no processo de alfabetização e letramento da EJA.

Foi utilizado imagens digitais que combinavam linguagem verbal e não verbal, na emissão de uma mensagem. O critério de seleção dessas imagens foi a relação com a vida cotidiana dos alunos, para que a partir delas pudesse diagnosticar os chamados conhecimentos prévios dos educandos.

É fundamental que o professor, ao selecionar uma imagem para levar para sala de aula, tenha consciência que esta, assim como qualquer texto, precisa ser significativo para o aluno.

Segundo Santos (2015) o conhecimento se efetiva a partir das experiências e vivências que o indivíduo adquire nas primeiras relações com o mundo e deve ser valorizado na Educação de Jovens e Adultos por ser uma característica forte desta modalidade de ensino.

Observa-se acima de tudo que esta é uma característica marcante no aluno da EJA, é que muitos têm uma ampla visão de mundo, carregam com si, através de suas experiências vividas muitos conhecimentos úteis, que serviram de alavanca para construção de novos conhecimentos em sala de aula. (SANTOS, 2015, p.7).

Partilhando de uma visão muito parecida, Gadotti (1996) nos apresenta que a melhor forma do professor despertar a motivação dos alunos para o conhecimento é partindo daquilo que os interessa, ou seja, da sua realidade, pois no processo educativo o professor deve considerar a realidade do aluno como mola propulsora do ensino e do aprendizado.

Nesse processo de leitura, primeiramente foi apresentado somente as imagens aos alunos para que fizessem uma leitura sobre as mesmas, com o objetivo de suscitar a capacidade do olhar na perspectiva apontada por Correa (2017, p.4) quando diz que é necessário exercitar o olhar ao observar uma imagem, pois esta, “abriga inúmeras possibilidades de significados que nem sempre aparecem à mostra, muitos estão ocultos, é preciso procurá-los para desvendá-los, é preciso pensar.”

A esse respeito Correa (2017, p.2) reforça que a leitura de imagem seja utilizada pelo educador como, “ferramenta no processo de construção e desenvolvimento da criatividade, incentivando o aluno não apenas a ver, mas a ler e compreender as imagens, propiciando interação entre texto e contexto, acrescentando novos saberes.”

A partir dessa experiência foi possível constatar quanto conhecimento se constrói a partir desse olhar sugerido por Correa (2017), ao fazer a leitura de uma imagem, que quase sempre está carregada de conceitos da ciência, matemática, história, geografia, artes e outros. É importante destacar também o quanto os alunos desenvolvem a habilidade de argumentação e organização das ideias a partir dessas leituras, as quais exigiam de todos a participação oral.

Frequentemente, no dia a dia de sala de aula, os alunos de EJA, sentem vergonha de expor suas ideias diante dos colegas, o que aconteceu inicialmente com essa turma, mas, à medida que alguém falava e se sentia valorizado pela sua participação, ficando claro que não tinha certo ou errado naquela leitura, os demais foram tomando coragem e participavam também.

Entrelaçando esta visão com a defesa de Pillar (2006) percebe-se que a leitura que fazemos de uma imagem, texto ou situação, está relacionada diretamente com a experiência que o indivíduo tem com o objeto a ser lido, “isso porque, o que o sujeito apreende em relação ao objeto depende dos instrumentos de registro, das estruturas

mentais, das estruturas orgânicas específicas para o ato de conhecer, disponíveis naquele momento". (PILLAR, 2006, p. 13).

É possível notar também que a maioria dos alunos de EJA acreditam que só se aprende com papel e caneta na mão. Isto implica que é um desafio para o professor envolvê-los nesse trabalho superando a visão reducionista de educação, propiciando também ao aluno organizar o seu pensamento e expor suas ideias, desenvolvendo também a capacidade de falar e escutar.

A esse respeito Freire (1996) acrescenta que falar e ouvir é uma habilidade a ser desenvolvida na escola, onde quem não sabe ouvir perde o direito de falar. “É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado.” (FREIRE, 1996, p. 73).

Finalizando a exploração das imagens com os alunos, foram apresentadas somente as frases retiradas das imagens, para que também fizessem a leitura. Nessa proposta, ficou perceptível que os alunos se prenderam mais na decodificação do que na mensagem do texto, ficando na superficialidade da leitura, o que não aconteceu quando apresentei as imagens.

Nesse sentido, utilizar as imagens na alfabetização de jovens e adultos favorece a uma educação freiriana, que defende uma educação crítica e significativa.

Para finalizar esse trabalho foram apresentadas aos alunos, as imagens ancoradas ao texto em sua forma original. Foi possível perceber a força dessas duas linguagens agregadas, e o desafio que é para o professor explorar todo o potencial que a união desses dois recursos linguísticos proporciona e suscitar reflexões com os alunos. Seguem abaixo algumas imagens trabalhadas nesse plano.

Imagen1- Inclusão



Fonte: Twitter. (2020).

Imagen 2- Meio Ambiente 1



Fonte: Imagedailha. (2020).

Imagen 3- Meio Ambiente 2



Fonte: Pinterest. (2020).

Imagen 4- Empatia



Fonte: Renascerao40. (2020).

Imagen 5- Meio Ambiente 3



Fonte: Bahiamarina. (2020).

Imagen 6- Desigualdade Social



Fonte: facebook. (2020).

Essa experiência pedagógica evidencia a importância de o professor valorizar as demais formas de linguagens que não seja somente a verbal, como pontua Lima (2008, p. 3), “a pedagogia deve criar pele nova, para integrar, sem deformá-los, os produtos da cultura de massa.”

Dito de outra forma, as imagens são capazes de mexer com os nossos sentidos, aflorando sentimentos e experiências de forma mais imediata do que o texto, o que justifica o seu uso em sala para contribuir com a capacidade de leitura e interpretação dos alunos.

Considerações finais

No decorrer desse plano, ficou evidente que as imagens exercem grande fascínio entre as pessoas e que muito do que aprendemos ocorre por meio do que vemos. Elas habitam as nossas mentes, os nossos sentimentos, alimentam nossos sonhos, despertando a nossa fantasia. Tudo isso contribui com o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação, podendo ser utilizadas pelo professor na alfabetização.

As imagens são carregadas de sentido ideológico as quais requerem um leitor crítico capaz de desvelar todas as suas facetas. Isso pressupõe que a escola precisa conceber as imagens como recurso linguístico, capaz de desenvolver a capacidade crítica dos educandos preparando-os para receber e absorver informações no mundo das imagens.

O professor precisa estar atento às mudanças no campo da comunicação e incluir a leitura de imagens em seu planejamento de aula, com o objetivo de promover

essa alfabetização visual e instigar os estudantes a terem um posicionamento crítico diante das diversas fontes de informação.

A partir de tudo que foi discutido até aqui, é oportuno ressaltar que as imagens, trazem consigo muitas informações ocultas, com muitas possibilidades de leitura, que as vezes se vê, mas não se enxerga. Diante disso o professor deve ser o primeiro a desenvolver essa habilidade para assim utilizá-la como recurso pedagógico.

No entanto, é importante que se faça bom uso dessa linguagem em benefício do conhecimento, porém, não tenho a pretensão de apresentar aqui, uma receita de como explorar esse meio de expressão pedagogicamente, por entender que cada professor deve encontrar uma forma de utilizá-la e considerar que não existe uma maneira única de abordar essa linguagem. É fundamental que cada professor encontre sua maneira de apresentá-la em sala de aula, de acordo com a realidade de sua turma.

De qualquer forma é imprescindível que a escola proporcione aos alunos a chamada “educação do olhar”, fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo.

Enfim, esse trabalho trouxe experiências e descobertas no campo da comunicação capaz de contribuir para que outros educadores reflitam sobre a importância da educação visual no processo de alfabetização, através de leitura de imagens.

Referências

ANSINE, M. **Alfabetização:** como Combinar e Relacionar Imagens e Escrita. Revista Nova Escola: 2019.

ARANHA, Maria L.de A. História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil. São Paulo: 2006.

BARBOSA; Ana M. PILLAR, Analice D. (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes.** Porto Alegre: 2006

BORGES, L. J. **Educação de Jovens e Adultos:** Reflexões sobre Novas Práticas Pedagógica. Curitiba: 2003.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 20 mar. 2020.

CORREA, M. E. de O; BECKER, R. A Leitura de Imagens como Processo de Desenvolvimento da Criatividade. In: **Revista Científica Multidisciplinar**. 2017. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/imagens-processo-desenvolvimento> Data de . Acesso em: 16 abr. 2020.

COUTO, S; CATELLI, R; CAETANO, M. A EJA não tem lugar no MEC. In: **Revista Carta Capital**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/educação-disputa/a-eja-nao-tem-lugar-no-mec-atualmente-affirma-sonia-couto-2/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

DESIGUALDADE SOCIAL. In. **Facebook.com**. Disponível em: <https://www.facebook.com/emumrelacionamento-serio-com-meubebe/posts/tem-certeza/1296069053912795/>. Acesso em: abr.18 2020.

DINIZ, M. V. C. **A Leitura de Imagem no Processo de Ensino-Aprendizagem da Educação Infantil**, 2018, ed. 101. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/a-leitura-de-imagem-no-processo-de-ensino-aprendizagem-da-educacao-infantil/> Acesso em: 02 mar. 2020.

EMPATIA. In. **RenaSaceros40**. Disponível em: <https://renasceraos40.blogs.sapo.pt/um-mundo-melhor-778021>. Acesso em: 18 abr. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. (Org.). **Educação de Jovens e Adultos**: as Experiências do MOVASP. São Paulo: 1996.

GAZETA. **Taxa de Analfabetismo no Brasil**. São Paulo: 2019. Disponível em: <https://infograficos.gazetadopovo.com.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-no-brasil/> Acesso em: 21 abr. 2020.

INCLUSÃO. In. **Twitter**. Disponível em: <https://twitter.com/MenteSapiente/status/1040054771246395395/photo/1>. Acesso em: 18 abr. 2020.

LEITE, E. P. **Expectativas dos Alunos da EJA em Relação à Escola**. Curitiba, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/53224/R%20-%20E%20-%20ELISIANA%20PAES%20LEITE.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 15 abr. 2020.

LEMOS, M. E. P. de. Proposta Curricular. In: **O Papel do Docente na Educação de Jovens e adultos**. Garcia. V. de J. São Paulo, 2013.

MEIO AMBIENTE 1. In. **Imagemdailha**. Disponível em: <http://www.imagemdailha.com.br/blog/-prefeitura-de-florianopolis-inicia-campanha-de-conscientizacao-de-descarte-de-plastico-nos-mares-.html>. Acesso em: 18 abr. 2020.

MEIO AMBIENTE 2. In. **Pinterest.** Disponível em:
<https://br.pinterest.com/pin/515873332320638778/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

MEIO AMBIENTE 3. In. **Bahiamarina.** Disponível em:
<http://www.bahiamarina.com.br/site/bahia-marina/2018/06/06/bahia-marina-lanca-campanha-em-homenagem-ao-dia-do-meio-ambiente/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

PINTO, Á. V. Sete lições sobre educação de adultos. São Paulo: 1986.

SANTOS, A. S; AZEVEDO, K. de O; SANTOS, L. S. **Perspectivas e desafios dos alunos da EJA de uma escola estadual da Paraíba e suas inserções no mundo do trabalho.** II CONEDU. Paraíba, 2015. Disponível em:
http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD_1_SA12_ID775_31082015140512.pdf. Acesso em: 15 mar. 2020.

SILVA, P. L. da; ARAÚJO, A. V. de. **As metodologias utilizadas por profissionais da EJA: uma reflexão a partir do estágio supervisionado III.** Acre: 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/simposioufac/article/view/811>. Acesso em: 18 abr. 2020.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. O que é e como funciona o Fundeb. 2020. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/perguntas-e-respostas-o-que-e-e-como-funciona-o-fundeb>. Acesso em: 23 abr. 2020.

TOLEDO, L. S. **Linguagem e inclusão social.** Belo Horizonte: 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/txt/article/view/10047>. Acesso em: 8 ago. 2020.

TORRES, R. M. de L. **Importância da leitura de imagens para o ensino e aprendizagem em artes visuais.** Tarauacá, 2011. Disponível em:
https://bdm.unb.br/bitstream/10483/4458/1/2011_MariaRita . Acesso em: 04 abr. 2020.

Submetido em: 28/04/2020

Aprovado em: 10/12/2020